

2700 13

dois contos

PAULO FERNANDES

O Mata-Cachorros

Naquela manhã, as crianças não puderam sair de dentro de casa. As portas estavam fechadas, as janelas apenas entreabertas. Ouviram o pai lá fora, falando alto com outras pessoas. Nesse tempo a mãe contou-lhes que Pierrot estava louco. Disse aos meninos que cachorro louco era perigoso, mesmo sendo Pierrot. Ele não sabia mais quem eram os amigos.

As crianças ficaram tristes pela sorte do camarada pardo de focinho escuro. Tiveram esperança que Pierrot fugisse para o mato. Não fugiu. Mais tarde, o pai voltou cansado e abriu a porta. Deixou Pierrot atado a um cinamomo. Os pequenos tiveram permissão de ir vê-lo. Pierrot em seu mundo de louco ainda irradiava doçura. Mas parecia sentir a brutalidade iminente. Babava, e tracionando a corda buscava escapar. O guri menor temeu que pudesse arrancar a cabeça do corpo.

O pai chamou um empregado e ordenou que levasse o animal para longe dos pequenos e o sacrificasse. Este falou que queria muito os pequenos e não desejava matar o animal. Todos disseram o mesmo. O pai chamou um vizinho e pediu o favor de matar Pierrot. O vizinho apresentou desculpa, não quis.

Ninguém gostava de matar cachorro de criança, por isso decidiram buscar Samuel, o mata-cachorros. Sem morada certa, andava pelo rincão, de fazenda em fazenda e tinha o epíteto devido a ser uma de suas changas mais freqüentes. À meia-noite chegou um mulato troncado, pés descalços. Para as crianças encarnava a desgraça, para os adultos a solução. Samuel, maldade viva, tratou de montar seu instrumento de morte: uma vara longa, munida de uma corda na extremidade,

terminando em laçada. Explicou que enforcava cachorro louco na ponta da vara devido ao perigo. Numa afirmação de capacidade, contou que o serviço era garantido, pois já matara muitos. Disse mais: que cachorro louco devia ser enterrado.

Saiu com Pierrot arrastado pela laçada, pá às costas.

As crianças não foi permitido ver a execução. Moldaram a visão no rumo do mato, extáticos na indiscriminação da desgraça.

Volta da Escola

O guri veio de longe, lá do Barro Vermelho, a cavalo, para freqüentar a escola. O pai com botas altas veio trazer o filho e o deixou na casa do tio.

O guri chegou e disseram que êle iria à aula na companhia da prima: criaturinha pernalta, de cabelos lisos que estava no canto da mesa, de olhos baixos.

Na manhã seguinte foram para a aula e voltaram solenes por ser primeiro dia. Foram semanas inteiras, até que um dia deixaram a estrada e demoraram mais a voltar. Depois daquilo, línguas ferinas contaram aos tios que êles haviam abandonado a estrada no retôrno para casa. Então, no dia seguinte, o guri do Barro Vermelho não foi à escola com a prima de cabelos lisos porque montou no cavalo sebruno e o mandaram de volta.